

E o que é ser uma (boa) professora?

Regina Coeli de Moura Macedo

Essa é uma das imagens que impregnam nossos conhecimentos da escola e fez parte do modelo que perseguia no meu processo de formação e quem sabe está presente no de muitas outras professoras.

Muitas vezes em que estive numa sala de aula para atividades de pesquisa, percebia que minhas concepções e posturas de professora eram abaladas. Perguntava-me como podia a professora não fazer do jeito que eu tinha aprendido ser o certo e, ainda assim, obter sucesso com os seus alunos?

Ao mesmo tempo, pensava intensamente que existem muitas maneiras de fazer (Certeau, 1994). Aliás, existem inúmeras maneiras de fazer, de ser aluno, de ser professora e até de ser “boa professora”.

Desde que decidi ser professora, tinha em mente um modelo, hoje eu percebo isso. Lembrando parte da minha história posso entender o meu processo de formação e, talvez, o de outras professoras.

Quando criança, imitando a minha professora, brincava de dar aulas para os meus alunos imaginários. Às vezes esses alunos eram “reais”: meus irmãos e minhas bonecas. Tinha a Dona Nilza como modelo, ela foi a minha professora durante todo o “primário”. Seu nome e sua imagem, até hoje, tenho na lembrança junto com outras imagens da escola em que estudei: a rampa, o pátio, o refeitório, a secretaria, a minha sala de aula, o lugar em que costumava sentar, os “deveres” que fazia, os elogios que ouvia, os rostos de alguns colegas, enfim, lembro até de alguns cheiros, gostos e sons da escola, daquele espaço, daquele tempo. Logo pude viver de verdade esse desejo de ser professora quando, na adolescência, fui dar aula de catecismo para as crianças da igreja que frequentava. Entendia-

me muito bem com elas e tinha muito prazer em fazer isso. Não foi difícil escolher dar aulas como minha profissão. Queria conviver com as crianças, participar de sua educação, ensinar, pois acreditava que com a educação podíamos mudar o mundo.

E o que era ser uma “boa professora”? Hoje, pensando na minha formação inicial, acho que imaginava ser aquela que teria tudo sob seu controle: a aula, que tinha de ser bem planejada e depois registrada; os alunos, que tinham de ser por mim incentivados, para estarem sempre motivados e assim concentrados para que pudessem aprender; a própria professora que deveria estar sempre bem – deixar fora da sala de aula os seus problemas (como diz uma amiga referindo-se ao imaginário em torno do “ser boa professora”) – para que pudesse ter paciência e tratar bem os alunos; o conteúdo a ser ensinado bem estudado, sabido; as técnicas e as metodologias sob domínio para que o ensino pudesse gerar os resultados esperados.

Mas nossas redes de formação, as redes de subjetividades (Santos, 1995) que somos são sempre muito complexas. Nossos valores, conhecimentos, sentimentos e desejos estão enredados compondo o nosso *todo complexo* (Morin, 1996). Elas não têm somente os fios das certezas, dos modelos e das técnicas eficientes para obtenção dos melhores resultados. As professoras fazem da sua própria maneira, e eu percebia nas pesquisas que existem muitas “boas” maneiras de fazer e que, aquilo que muitas vezes pode nos ter sido indicado como o que não deveria ser permitido aos alunos, seja porque feriria nossa autoridade como professora, ou porque os impediria de aprender, não precisava ser entendido, necessariamente, dessa forma.

sobre o(a) autor(a):

Professora do Colégio Pedro II cedida a SME de Mesquita e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ..